

Rosa dos ventos

MAURICIO DIAS



"Estou sentado no banco de reservas"

(Hamilton Mourão, quando tinha esperança de ser o vice de Jair Bolsonaro. Não deu. Acomode-se por aí mesmo, general)

Um brigadeiro contra FHC

Walter Brauer barrou a primeira ofensiva contra a Embraer. Acabaria punido pelo tucano

É um direito de qualquer brasileiro ter se desgostado do tenente-brigadeiro-do-ar Walter Werner Bräuer, falecido, em maio passado, aos 81 anos. Era pouco conhecido. Mas há também razões para gostar dele.

Bräuer tem, pelo menos, um episódio no qual foi importante protagonista quando ministro da Aeronáutica. Foi ele quem bloqueou a primeira investida de empresas estrangeiras dispostas a comprar a Embraer brasileira. O vento era favorável à venda. Ganhou a queda de braço, mas foi aposentado pelo então presidente Fernando Henrique Cardoso.

O tucano FHC tinha uma longa agenda de privatizações para "acabar com a Era Vargas", como alardeava. Só não dizia, porém, que por trás de tudo ele ameaçava liquidar, a preços módicos, os ativos do País. A Embraer era

fabricante de aeronaves do mundo. As duas se associaram para formar uma *joint venture*. Assim, a Embraer terá a opção de vender seus 20% de participação, se aprovada no Conselho. A Companhia Vale do Rio Doce foi a empresa que abriu o caminho do que se repete agora. Foi vendida, em 2007, em meio a protestos e, pelo que se disse então, também a preço de banana.

A Embraer correu o risco. No dia 2 de setembro de 1999, o brigadeiro Bräuer enviou ofício confidencial a Carlos Leoni Siqueira, então presidente do conselho de administração da empresa, após ter recebido um ofício formalizando, "perante o Comando da Aeronáutica, a iniciativa dos acionistas controladores" da empresa.

O "Acordo de Compra de Ações" foi firmado entre os controladores nacionais e o "grupo francês". Diversas outras se habilitaram, entre elas a Dassault e a Aerospatiale. No entanto, na melhor tradição militar brasileira, quando se trata de defesa da soberania do País, Bräuer reagiu: "Cumpre-me, de início, manifestar (...) a perplexidade e o desapontamento que causou à administração da Aeronáutica..."

O ministro protestou contra o "exíguo espaço de tempo" de que dispôs para avaliar a privatização

da Embraer. Assim, diante da situação, Bräuer foi ainda mais objetivo:

"(...) o Comando da Aeronáutica não concorda com o prosseguimento da iniciativa em tela (...).

Ao ministro da Defesa, Elcio Álvares, alertou: "Solicito a interferência de Vossa Excelência e, salvo melhor juízo (...), do presidente da República (...) para que seja frustrada essa lesiva operação para a Segurança Nacional (...) de grande importância estratégica para o País".

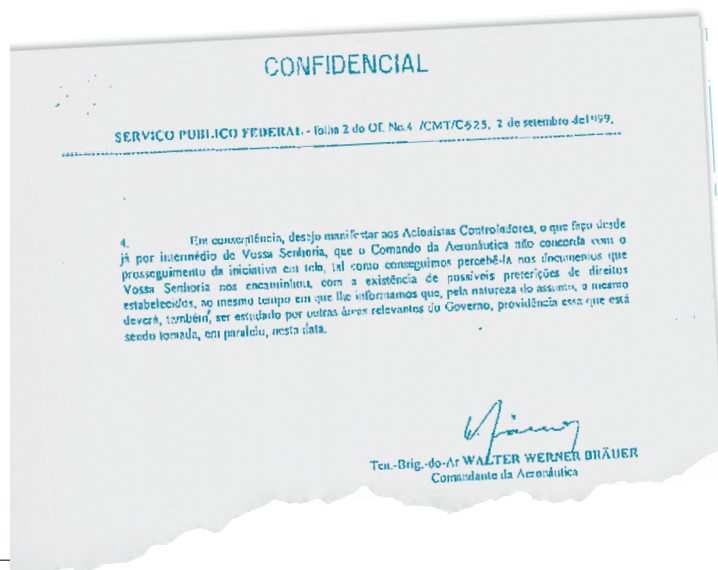
O que teria mudado de 1999 a 2018? Não há nada de novo no ar. Somente os aviões de carreira. Pelo que se sabe. •



O militar faleceu em maio passado, aos 81 anos

mais uma empresa estatal nacional. Uma das mais importantes. FHC, no entanto, abriu a porta e botou várias delas no prego.

Agora chegou a vez de Michel Temer. No poder, ele fez o resgate da Embraer como oferta de negócio. Desta vez, o amigo-urso é a americana Boeing, a maior





Marília, neta de Arraes, candidata em Pernambuco

Que PSB?

Sem identidade política definida, o PSB nunca foi bom de voto. Na eleição de 1954, apoiou Juarez Távora, candidato udenista, que foi surrado por Juscelino Kubitschek. Foi rigorosamente progressista quando comandado por Miguel Arraes, ex-governador de Pernambuco, no fim dos anos 1950. O partido foi desmanchado pela ditadura. Marília Arraes candidata, pelo PT, ao governo de Pernambuco, a neta de Arraes, rompeu com o primo Eduardo Campos, quando este jogou o PSB no colo dos conservadores.

Que PSB?

Infiltrado atualmente por alguns parlamentares progressistas, numa bancada de 26 deputados na Câmara, o partido tentou encontrar um presidenciável e não conseguiu. Virou petisco ansiado por vários partidos.

Simpático ao PT, flerta com o “blocão” conservador. Conta com 47 segundos de televisão, no horário de campanha eleitoral, além de cinco governadores e quatro senadores.

Nascido da costela dissidente da UDN, tentou ganhar fôlego, em 1950, na primeira eleição pós-Estado Novo. Lançou um candidato próprio e ganhou menos de 1% dos votos.

Brasil brasileiro

Alguns colunistas da mídia nacional condenam, com suas razões, as ações violentas do governo da Nicarágua contra os movimentos de protesto.

Calam-se, no entanto, com a barbaridade das autoridades locais de manterem Lula na prisão com a finalidade de tirá-lo do jogo democrático. O ex-presidente é um condenado sem crime, vítima de violência sem sangue.

Guerra dos canudos

Os quiosques à beira do calçadão nos bairros de Copacabana, Ipanema e Leblon, na Zona Sul da cidade, foram impedidos pela prefeitura de usar facões para descascar cocos. Alega-se o risco de violência nunca registrada ao longo dos anos. Poucos dias depois, o governo do estado proibiu o uso de canudos de plástico em nome da saúde e do meio ambiente. Com razão. O consumidor está, porém, com dificuldade para beber a água do fruto.

Pergunta e resposta

Você acredita que os políticos graúdos denunciados na Lava Jato serão presos? Sim ou não?

Não: 55,2%; Sim: 40,1%; Não sabem/Não responderam: 7,7%

Esta pergunta foi feita aos entrevistados em 2017. Hoje a resposta ao “Não” estaria ainda mais graúda.

Romário e Marina

Os institutos de pesquisa indicam que Romário já tem um pé no Palácio Guanabara, sede do governo do Rio de Janeiro. Ele, em acordo com Marina Silva, deve dar o lugar de vice para o deputado Miro Teixeira.

Marina tem sido bem votada no Rio de Janeiro. Em 2014, obteve mais de 5,5 milhões de votos. Ou seja, cerca de 20% dos eleitores. Quantos votos ela pode transferir para Romário?

Capitão ou generais?

Parte radical da elite brasileira, sem poder contar, pelo menos até agora, com o apoio direto dos generais, apela para eleger o capitão aposentado Jair Bolsonaro. Uma loucura eleitoral

mauriciodias@cartacapital.com.br